

AS IMPLICAÇÕES DO *PLAIN STYLE* NA TRADUÇÃO DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE PARA O INGLÊS

Gabriel de Oliveira Mendes¹

Resumo

Neste artigo, apresento as implicações que a presença ou a ausência do *plain style* tem na tradução de poesias do português para o inglês. O *plain style* é um estilo de escrita que propõe que se deva evitar palavras obsoletas ou abstratas e preferir palavras comuns e concretas. O *plain style* é amplamente utilizado em países anglófonos. Sherman (1893) o descreveu quando publicou o primeiro manual de *plain style*, *Analytics of Literature: A Manual for the Objective Study of English Prose and Poetry*. Para isso, analisarei segundo uma ótica comparatista o poema *No Meio do Caminho* (1930) de Carlos Drummond de Andrade e duas traduções, ambas se chamam *In the Middle of the Road*, uma foi traduzida por Elizabeth Bishop (1986) e a outra por John Nist (1996). Essa comparação terá como finalidade mostrar por que o tradutor escolhe usar o *plain style*. O uso do *plain style* pode apresentar uma noção de “domesticação” do texto da língua de partida ao transpô-lo para a língua de chegada, segundo o que diz Venuti (2008). O tradutor pode escolher uma tradução que não esteja de acordo com o *plain style*, mas uma tradução que enriqueça a língua de chegada com particularidades da língua de partida. Concluo em minha pesquisa que o *plain style* deve ser visto como uma ferramenta que o tradutor tem dependendo de seus objetivos. Além disso, o uso do *plain style* influencia no número de sílabas e acentuações e na escolha da origem das palavras, se serão latinas ou anglo-saxãs.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade. *Plain style*. Poesia. Tradução literária. Tradução.

Abstract

In this article, I will present the implications of plain style in the translation of poems from Portuguese to English. The plain style is a writing style that purposes one should avoid obsolete or abstract words and should prefer common and concrete words. The plain style is widely used in English-speaking countries and it has its origin back to the 19th century when Sherman (1893) published the first manual of the plain style, *Analytics of Literature: A Manual for the Objective Study of English Prose and Poetry*. For this task, I will analyze the poem *No Meio do Caminho* (1930) by Carlos Drummond de Andrade and two translations based on a comparatist viewpoint. Both translations were named *In the Middle of the Road*, one of them was translated by Elizabeth Bishop (1986) and the other one by John Nist (1996). This comparison will have as its purpose to show the reason why the translators choose to use the plain style. Using the plain style may present a notion of “domestication” of the text of the target language, according to Venuti (2008). The translator can choose a translation

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS (Brasil).
gabriel94mendes@gmail.com

that does not respect the plain style, but a translation that enriches the target language with particularities of the source language. I concluded in my research that the plain style should be seen as a tool the translator has depending on his or her objectives. Besides that, using the plain style influences in the number of syllables and accentuations and in the origin of the words, whether they will be Latin or Anglo-Saxon.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade. Plain style. Poetry. Literary translation, Translation.

1. Introdução

Esse trabalho nasceu a partir de uma pesquisa de iniciação científica, mais precisamente, o projeto de pesquisa “Literatura Brasileira em Tradução: o escopo da poesia brasileira em língua inglesa”. Dos resultados desse projeto, fiz um recorte da pesquisa, que resultou no meu trabalho de conclusão de curso intitulado *Uma Comparação entre Traduções de Três Poemas de Carlos Drummond de Andrade*. Este presente trabalho é um recorte do meu trabalho de conclusão de curso, no qual pretendo focar na presença ou ausência do *plain style* em uma das traduções previamente estudadas. Esses conceitos serão explicados mais adiante.

Decidi me debruçar sobre a presença do *plain style* em traduções porque isso é discutido por Venuti (2008, p. 1). Mais precisamente, o *plain style* é de extrema importância para a discussão de Venuti (2008) sobre a invisibilidade do tradutor. Para isso, recolhi antologias de poetas brasileiros e latino-americanos lançadas em países anglófonos, coletei uma extensa lista de poemas e suas traduções com a finalidade de analisar segundo um ponto de vista contrastivo as escolhas dos tradutores analisados neste trabalho. Após essa coleta, escolhi um poeta brasileiro, Carlos Drummond de Andrade, e escolhi três poemas deste autor para fazer uma análise entre seus originais e duas traduções de cada poema. Entre os meus objetivos nesta análise, pretendo ver, através dessa comparação, como os tradutores se aproximaram ou se distanciaram do texto original. Para este artigo, escolhi analisar apenas um dos poemas.

Proponho essa análise tendo como base a ideia de que a tradução de poemas seria impossível e polêmica. Ao longo deste artigo, pretendo discorrer sobre essa ideia e defender que a tradução de poemas não é impossível, mas, sim, difícil e possui peculiaridades que a tradução de prosa ou a tradução técnica não possuem. Além disso, quero definir o que é a tradução de poemas e como ela difere das outras citadas.

O principal objetivo que guiará este artigo será o de analisar a presença ou a ausência do *plain style* na tradução dos poemas, como dito anteriormente. O *plain style*, como é explicado no guia de Fowler (1908), é um estilo de escrita que preza pela uniformidade e pela simplicidade na hora de escrever. Esse estilo de escrita é muito presente nos países anglófonos e defende que o autor (e também o tradutor) não deve usar palavras obsoletas ou abstratas, mas, sim, palavras comuns e concretas, as frases devem ser curtas e diretas e, por fim, as palavras devem ser de origem anglo-saxã e não de origem latina. Discutirei como o *plain style* influencia na tradução para o inglês e como ele influenciou nas traduções dos poemas que analisarei neste artigo.

O poema analisado aqui será *No Meio do Caminho*², escrito e publicado por Carlos Drummond de Andrade em 1930. O poema e suas traduções foram retirados de antologias como as citadas anteriormente. Os tradutores do poema citado são: Elizabeth Bishop, tradutora e poeta americana conhecida por traduzir muitos poetas brasileiros, e John Nist, tradutor, professor, historiador, crítico literário e grande tradutor de Carlos Drummond de Andrade.

Após reunir um grande *corpus* de poemas e suas traduções, escolhi o referido poeta. Além disso, quero discutir a suposta impossibilidade de tradução de poesia, divulgar outros estudos que se proponham a analisar a tradução de brasileiros por estrangeiros e, por fim, comparar as traduções com o original e mostrar a influência do *plain style* no fazer tradutório. Penso que essa pesquisa será muito proveitosa para a área de Estudos de Tradução, sobretudo para a tradução literária. Além disso, os conceitos aqui analisados serão de muito proveito para tradutores iniciantes. Por fim, a análise de um poeta brasileiro no contexto das literaturas de língua inglesa será proveitosa para estudar sua representatividade não só em países anglófonos, como também no mundo.

2. O conceito de *plain style* e como ele se aplica à tradução de poesia

A noção de tradução que usarei em minha análise é a tradução interlingual: “quando a substituição se dá entre os signos linguísticos de uma língua e os outros de outra língua” (JAKOBSON apud LARANJEIRA, 1993, p. 18). A noção de poema é a de Laranjeira (1993, p. 21), que diz que o poema é um texto no qual a língua deixa de ser apenas um suporte (como nos textos “veiculares”) e se torna parte integrante da mensagem. Segundo Laranjeira (1993, p. 21-22), os poemas são textos nos quais “o significante ganha terreno sobre o significado” e “o signo deixa de ser arbitrário”.

Segundo Venuti (2008, p.1), no contexto da tradução no mundo anglófono, espera-se que o tradutor seja “invisível”, ou seja, o trabalho do tradutor deve ser um texto traduzido, prosa ou poesia, ficção ou não ficção, que só será julgado como aceitável por muitos editores, revisores e leitores quando é possível lê-lo fluentemente, ou seja, quando a ausência de quaisquer peculiaridades linguísticas ou estilísticas façam com que ele pareça transparente (VENUTI, 2008, p. 14). Para a maioria dos editores, revisores e leitores de países anglófonos, o texto traduzido deve soar como se fosse um “original”. É o que Mittmann (2013) chama de “concepção tradicional”, a qual vê a tradução como “transporte de sentidos” e o tradutor como um mero instrumento do transporte desse sentido.

Essa concepção de tradução foi amplamente divulgada por Eugene A. Nida, Erwin Theodor e Paulo Rónai. Para Nida (1964, p.146), por exemplo, a tradução é um *transfer mechanism*, o que Mittmann (2013, p.18) define como “um tipo de mecanismo capaz de transportar uma mensagem de uma língua para outra”. É nesse contexto que surge a “concepção contestadora”, da qual Lawrence Venuti é parte, juntamente com Henrik Aubert, Rosemary Arrojo e Theo Hermans. Essa concepção é contrária à possibilidade de transporte fiel e dá ao tradutor um novo *status* como sujeito atuante, produtor e responsável.

² ANDRADE, C. D. *No Meio do Caminho*. In *Alguma Poesia*. ANDRADE, C. D. (Org.) *Alguma Poesia*. Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930.

Pretendo agora definir melhor o *plain style*. Como dito anteriormente, é um estilo de escrita que preza pela uniformidade e pela simplicidade. O *plain style* foi descrito e sistematizado em regras no século XIX, quando o primeiro manual que ensinava a escrever de acordo com ele foi publicado: *Analytics of Literature: A Manual for the Objective Study of English Prose and Poetry* (1893), por A. L. Sherman. Outro manual também foi lançado, *The King's English* (1906), por Henry e Francis Fowler. Eles explicitam algumas recomendações de como escrever: "Prefer the familiar word to the far-fetched. Prefer the concrete word to the abstract. Prefer the single word to the circumlocution. Prefer the short word to the long. Prefer the Saxon word to the Romance"³ (FOWLER, 1908, p. 1). Para Venuti (2008, p. 5-6), essa busca por uma escrita uniforme foi o que levou a esperar dos tradutores que eles sejam invisíveis e que o texto seja transparente e soe como o original.

3. Forma vs. conteúdo e por que escolhi Carlos Drummond de Andrade

Segundo Laranjeira (1993), o poema é um texto no qual tanto o conteúdo quanto a forma são importantes. Concordo com essa colocação, mas pretendo me ater nessa análise à forma. Fiz essa escolha porque não concordo que a forma seja posta de lado em traduções de poemas. Penso que podem haver muitas razões para que se dê mais importância ao conteúdo em detrimento da forma. Por exemplo, o tradutor pode ser pouco criativo ou inseguro e pode negligenciar a forma. Também é possível que segundo orientação editorial, a editora ou o organizador podem impor uma política a serviço do conteúdo e que não promova a forma. Para Even-Zohar (1979), uma prática mais comum em um dado polissistema pode influenciar todos os tradutores daquele polissistema (dessa forma, se um tradutor de um polissistema em que não dá importância à forma for traduzir), ele pode seguir essa tendência. Por fim, traduzir a forma pode ser, de fato, muito difícil e é necessário muito conhecimento sobre teoria literária aplicada à escrita criativa de poesia e, além disso, uma pulsão criativa de reescritura.

Como dito anteriormente, o poeta analisado aqui será Carlos Drummond de Andrade. É importante contextualizar o poeta e seus poemas. Carlos Drummond de Andrade fez parte da segunda fase do modernismo, a "fase de consolidação". Seus poemas trazem traços do modernismo, como a busca por romper com a tradição e a busca por criar novos modelos e padrões. O modernismo queria se opor ao movimento anterior a ele, o parnasianismo, escola que era vigente durante o começo do século XX. O parnasianismo defendia que o aspecto mais importante na poesia era a forma. Os modernistas se opuseram a isso e defenderam que o conteúdo também era importante e passaram a defender que forma era conteúdo. Na "fase de consolidação", a fase de Carlos Drummond de Andrade e outros poetas como, por exemplo, Vinícius de Moraes, o modernismo se destacou pela quebra com as tradições, pelo verso livre e sem rimas e pelo abandono de formas fixas, características presentes na obra de Carlos Drummond de Andrade e que serão discutidas a seguir.

Escolhi o referido poeta por haver muitas traduções de seus poemas em antologias lançadas em países anglófonos. Além disso, o poeta escolhido é um grande representante da literatura brasileira no exterior e também dentro do Brasil por ser

³ "Prefira a palavra familiar à rebuscada. Prefira a palavra concreta à abstrata. Prefira a palavra única à prolixidade. Prefira a palavra curta à longa. Prefira a palavra saxônica à românica." (Tradução minha).

muito estudado e conhecido. Outro fator que me levou a escolher esse poeta foi o fato de que apesar de ele ser parte do movimento modernista, seus poemas mostram uma forma muito complexa e que gera bons frutos ao ser estudada quando traduzida.

4. No meio do caminho

Em meu trabalho de conclusão de curso, apresentei uma longa interpretação do poema *No Meio do Caminho*. Esse poema possui duas estrofes e dez versos. A primeira estrofe possui quatro versos e a segunda estrofe possui os seis versos restantes. O poema foi primeiro publicado em *Alguma Poesia* em 1930. É um poema que fala sobre o fato constante de aparecerem obstáculos em nossa vida, ou seja, nunca pararemos de nos deparar com obstáculos no meio do nosso caminho. Analisarei a tradução *In The Middle of The Road* de Elizabeth Bishop⁴ e a tradução de mesmo nome de John Nist⁵. Comparo na seguinte quadro o poema original com suas traduções. As sílabas foram separadas e as acentuações foram explicitadas.

Quadro 1 – Poema *No Meio do Caminho* e suas duas traduções em comparação

	No Meio do Caminho	In the Middle of the Road	In the Middle of the Road
	Carlos Drummond de Andrade	Elizabeth Bishop	John Nist
1ª Estrofe			
1	No/ ME/io/ do/ ca/MI/nho/ TI/nha/ uma/ PE/dra	In/ the/ MID/dle/ of/ the/ ROAD/ there/ was/ a/ STONE	In/ the/ MID/dle/ of/ the/ ROAD/ was/ a/ STONE
2	TI/nha/ uma/ PE/dra/ no/ ME/io/ do/ ca/MI/nho	there/ was/ a/ STONE/ in/ the/ MID/dle/ of/ the/ ROAD	was/ a/ STONE/ in/ the/ MID/dle/ of/ the/ ROAD
3	TI/nha/ uma/ PE/dra	there/ was/ a/ STONE	was/ a/ STONE
4	No/ ME/io/ do/ ca/MI/nho/ TI/nha/ uma/ PE/dra.	in/ the/ MID/dle/ of/ the/ ROAD/ there/ was/ a/ STONE.	in/ the/ MID/dle/ of/ the/ ROAD/ was/ a/ STONE.
2ª Estrofe			
5	NUN/ca/ me es/que/ce/REI/ des/se a/con/te/ci/MEN/to	NE/ver/ should/ I/ for/get/ this/ EVENT	I/ shall/ NE/ver/ for/GET/ that/ EVENT
6	Na/ VI/da/ de/ MI/nhas/ re/TI/nas/ tão/ fa/ti/GA/das.	in/ the/ LIFE/ of/ my/ fa/TIGUED/ RET/i/nas.	in/ the/ LIFE/ of/ my/ so/ TIRED/ eyes.
7	NUN/ca/ me es/que/ce/REI/ que/ no/ ME/io/ do/ ca/MI/nho	NE/ver/ should/ I/ for/GET/ that/ in/ the/ MID/dle/ of/ the/ ROAD	I/ shall/ NE/ver/ for/GET/ that/ in/ the/ MID/dle/ of/ the/ ROAD
8	TI/nha/ uma/ PE/dra	there/ was/ a/ STONE	was/ a/ STONE

⁴ BISHOP, E. In the Middle of the Road. In: BISHOP, E. BRASIL, E. (Org.) An Anthology of Twentieth-Century Brazilian Poetry. Middletown : Wesleyan University, 1972.

⁵ NIST, J. "In the Middle of the Road". In: COLCHIE, T.; STRAND, M. (Org.). Travelling in the Family: selected poems. Los Angeles: Random House, 1986.

9	TI/nha/ uma/ PE/dra/ no/ ME/io/ do/ ca/MI/nho	there/ was/ a/ STONE/ in/ the/ MID/dle/ of/ the/ ROAD	was/ a/ STONE/ in/ the/ MID/dle/ of/ the/ ROAD
10	No/ ME/io/ do/ ca/MI/nho/ TI/nha/ uma/ PE/dra.	in/ the/ MID/dle/ of/ the/ ROAD/ there/ was/ a/ STONE.	in/ the/ MID/dle/ of/ the/ ROAD/ was/ a/ STONE.

Gostaria de apontar, em primeiro lugar, que a língua portuguesa e a língua inglesa possuem sistemas silábicos distintos. A primeira é predominantemente CV, ou seja, “consoante-vogal”, e, portanto, apresenta muitas construções silábicas que seguem esse padrão, enquanto a outra, a língua inglesa, apresenta muitas construções silábicas distintas. No primeiro verso do poema, há onze sílabas e nove delas são consoante-vogal. Além disso, as duas línguas citadas também são diferentes em um ponto muito importante: a língua inglesa é repleta de monossílabos, o que não acontece na língua portuguesa. A língua portuguesa, então, possui palavras maiores que a língua inglesa, o que é um desafio para o tradutor ou a tradutora que está traduzindo ou vertendo um poema do português para o inglês se ele ou ela tiverem como objetivo uma maior aproximação com o número de sílabas presentes no poema da língua portuguesa.

Um possível exemplo nas traduções citadas aqui é a palavra “caminho” e a palavra “road”. Em português, a palavra tem três sílabas. Por outro lado, em inglês, “road” tem apenas uma sílaba. Esse padrão de palavras maiores sendo traduzidas e se tornando palavras menores pode ser visto ao longo das duas traduções e parece ser comum em traduções de poemas do português para o inglês. O mesmo acontece com a palavra “acontecimento” que tem seis sílabas, mas apenas cinco são contadas porque a acentuação ocorre na penúltima. Em ambas as traduções, essa palavra foi traduzida como “event”, que apresenta uma sílaba. O mesmo ocorre com “pedra” (duas sílabas) e “stone” (uma sílaba).

Apesar de haver um desequilíbrio no tamanho das palavras entre as duas línguas, percebo que as línguas se equilibram no número de palavras que elas necessitam, conforme análise das traduções aqui citadas. As palavras citadas anteriormente são lexicais, ou seja, carregam significado intrínseco. Essas são maiores em português, mas, por outro lado, as palavras gramaticais, que têm apenas função gramatical, têm o mesmo número de sílabas entre as duas línguas, mas se apresentam em menor número em português do que inglês. Por exemplo, “no” e “do” são contrações das preposições “em” com “o” e “de” com “o”. Em inglês, todavia, para traduzir “no” e “do” são necessárias duas palavras: “in the” para “no” e “of the” para “do”. É o que acontece nas traduções de *No Meio do Caminho*. Em português, é necessária apenas uma palavra para o que em inglês se precisa de duas. Há uma compensação no tamanho de letras em alguns casos como, por exemplo, o artigo “uma” (três letras) em português e sua tradução para inglês “a” (uma letra). O que se vê entre as línguas é uma compensação: as palavras lexicais do português são maiores do que as palavras lexicais em inglês, o que gera mais sílabas em português, porém, há uma compensação pelo fato de, em português, necessitar-se menos palavras gramaticais, enquanto em inglês se necessita de mais, o que gera mais sílabas em inglês.

Percebi também que a origem das palavras foi uma característica bem distinta entre as traduções. Conforme defende Venuti (2008), uma tradução domesticadora é aquela que respeita o *plain style*, ou seja, usa mais palavras de origem anglo-saxã e

não opta pelas palavras de origem latina. Na tradução de Elizabeth Bishop, a tradutora optou por traduzir “retinas tão fatigadas” como “*fatigued retinas*”. Como se pode notar e como também é explicitado pelo Oxford Dictionaries, a palavra “*retina*”, em inglês, tem origem na palavra latina “*rete*”, a mesma origem de “retina”, em português. O mesmo acontece com “*fatigued*”, que vem do francês “*fatigue*”, que, por sua vez, vem do latim “*fatigare*”, a mesma origem da palavra “fatiga”, em português.

A tradução de John Nist, por outro lado, opta por palavras de origem anglo-saxã e se aproxima mais das regras do *plain style*. Esse mesmo trecho, “retinas tão fatigadas”, foi traduzido como “*so tired eyes*”. Segundo o Oxford Dictionaries, “*tired*”, que vem do verbo “*tire*”, tem sua origem no inglês antigo “*tēorian*”, cujo significado é “tornar-se fisicamente exausto”. Já a palavra “*eyes*” tem origem no inglês antigo “*ēage*”, que, por sua vez, tem origem germânica na palavra “*auge*”.

Esse é mais um recurso que o tradutor tem à sua disposição na hora de traduzir. Se o tradutor optar por se aproximar da língua de partida, ou seja, da língua portuguesa, ele deve traduzir usando palavras de origem latina. Por outro lado, se optar por se aproximar da língua de chegada, a língua inglesa, deve traduzir usando palavras de origem anglo-saxã. Além disso, segundo Venuti (2008), essa segunda opção de tradução é uma tradução domesticadora na qual o tradutor é invisível.

Noto, além disso, que optar por palavras de origem anglo-saxã acontece na tradução de Elizabeth Bishop e que acontece na tradução de John Nist. Dessa forma, comparando os tradutores, percebo que Elizabeth Bishop opta por não ser “invisível” segundo os conceitos de Venuti (2008). John Nist, por outro lado, é um “tradutor invisível” que opta por fazer seu texto parecer como se tivesse sido escrito diretamente em inglês.

Além disso, a diferença na origem das palavras também influencia no tamanho das palavras, o que, por sua vez, influencia no tamanho e na quantidade de sílabas e de acentuações. A tradução de Elizabeth Bishop, por ter usado mais palavras de origem latina, aproximou-se mais do número de sílabas do original. Por exemplo, no segundo verso da segunda estrofe há treze sílabas no original. A tradução de Elizabeth Bishop apresenta oito sílabas enquanto a de John Nist apresenta sete. Essa contagem poderia ser maior dependendo do lugar das acentuações. Elizabeth Bishop, na verdade, traduziu as treze sílabas para dez sílabas, mas a oitava é a última a ser acentuada, o que me leva a contar como oito sílabas. O mesmo acontece com John Nist, que apresentava oito sílabas, mas a sétima é a última a ser acentuada, o que me leva a contar como sete.

Dessa forma, o tradutor também precisa ter cuidado com as acentuações além do número de sílabas, algo que é muito difícil de recriar de uma língua para outra. Apesar do recurso de poder escolher entre palavras de origem latina ou anglo-saxã, o tradutor precisa se preocupar com as acentuações porque, dependendo de onde elas estiverem, algumas sílabas poderão não ser contadas, o que fará com o que o esforço de recriação do número de sílabas seja em vão.

5. Considerações Finais

Ao longo da minha análise, percebi que um estilo de escrita pode influenciar a literatura e a tradução de uma língua ao longo de toda a sua história. O *plain style*, segundo o que diz Venuti (2008), influenciou a continuará influenciando a tradução.

Apesar dessa necessidade de seguir os manuais que defendem o uso do *plain style* estar presente apenas em países anglófonos, essa submissão a esse estilo de escrita nasce da noção de que a tradução deve soar como se fosse um original e que o original é como se fosse um texto sagrado. O que nós, tradutores e tradutoras, precisamos fazer é desconstruir a concepção tradicional defendida por autores como Eugene A. Nida, Erwin Theodor e Paulo Rónai e explicada por Mittmann (2013, p.18). Isso é necessário para que a tradução não seja vista como um simples transporte de sentidos e como uma atividade em que o tradutor, que deveria ser visto como sujeito ativo do processo tradutório, não seja visto como um simples responsável por transportar sentido de uma língua para outra.

A especificidade que encontrei na tradução da forma de poemas do português para o inglês foi o equilíbrio entre o tamanho menor das palavras em inglês em comparação com as palavras em português e o maior número de palavras gramaticais em inglês em comparação com o menor número em português. Essa característica intrínseca entre o português e o inglês é o que mais influencia na hora de traduzir a forma de um poema do português para o inglês. O número de sílabas e de acentuações é totalmente influenciado se as palavras são maiores ou menores ou se há mais ou menos palavras.

Outra característica analisada nas traduções foi o uso de palavras de origem anglo-saxã ou de origem latina. Segundo o que defende aqueles que dizem que a tradução deve soar como um original e que deve respeitar o *plain style*, deve-se sempre optar por palavras de origem anglo-saxã. O uso do *plain style* não é uma regra no contexto anglófono, há poetas e tradutores de poesia que optam por uma escrita que fuja às regras desse estilo. Contudo, o que mais se vê é a preponderância desse estilo. Como um tradutor que defende a concepção contestadora de Henrik Aubert, Rosemary Arrojo, Lawrence Venuti e Theo Hermans, vejo que o uso de palavras de origem anglo-saxã não deve ter esse tom prescritivo em que o tradutor é obrigado a respeitar essa ideia e sempre buscar por traduzir segundo o *plain style*. Optar por palavras de origem anglo-saxã ou de origem latina deve ser mais uma estratégia, mais uma função do fazer tradutório. Se o tradutor optar por se aproximar do número de sílabas, por exemplo, e vir que usar uma palavra de origem anglo-saxã o ajudará nisso, ele pode optar por essa saída. O mesmo pode acontecer se ele notar que uma palavra de origem latina será de grande ajuda na hora de recriar a forma de uma língua para a outra. Defendo e concluo, assim, que precisamos pôr um fim nessa ideia prescritiva imposta de um texto que “soe como o original” e que respeite o *plain style*. Nós, tradutores e tradutoras, devemos ser capazes de usar a origem das palavras como uma ferramenta no fazer tradutório. Dessa forma, se decidirmos verter um texto para inglês que pareça mais “fluido” a um nativo, podemos optar por palavras de origem anglo-saxã. Da mesma forma, se desejarmos uma versão mais “rebuscada”, podemos optar por palavras de origem latina.

Além da pesquisa sobre Carlos Drummond de Andrade, poderia citar outras pesquisas feitas na área de análise de traduções de autores brasileiros para o inglês por falantes nativos de inglês. Esse é o caso da análise de Becker (2013) sobre a tradução da obra de José J. Veiga. Vejo que esse é um terreno muito amplo e frutífero para pesquisa, tanto na área de tradução literária quanto na área de literatura em si. Noto que é proveitoso analisar a tradução do português para o inglês e que especificidades ela apresenta segundo a ótica de alguém do lado de lá, de alguém nativo do inglês, da língua que estudamos e trabalhamos e, além disso, é

proveitoso ver como a literatura brasileira é exportada e como é sua representação no cenário mundial.

O que foi constante na tradução do poema foi o fato de Elizabeth Bishop não ser o que Venuti (2008) chama de “tradutor invisível” e a forma sofrer alterações por diferenças de tamanho de palavras e número de palavras entre as línguas. Concluo esse estudo esperando ter aberto mais espaço para pesquisa de tradução de poemas, versão de poemas e poesia em si. Espero que a poesia brasileira seja cada vez mais exportada e reconhecida no cenário mundial e que seja estudada no Brasil, em países anglófonos e em países falantes das mais variadas línguas. Espero ter ajudado a desconstruir noções tradicionais que perpassam a tradução e que engessam o fazer tradutório de tradutores e tradutoras que trabalham com as línguas portuguesa e inglesa.

Referências

ANDRADE, C. D. No Meio do Caminho. *In: WILLIAMS, F. G. (Org.) Poets of Brazil: a bilingual selection*. Nova Iorque: Luso-Brazilian Books, 2004.

BECKER, E. R. Algumas considerações sobre a tradução da obra de José J. Veiga para a língua inglesa. *In: Fazeres indisciplinados: estudos de literatura comparada*. Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 129-145.

BEUM, R.; SHAPIRO, K. *The prosody handbook: a guide to poetic form*. Nova Iorque: Dover, INC, 2006, p. 27-44.

BISHOP, E.; BRASIL, E. *An Anthology of twentieth-century Brazilian poetry*. Middletown : Wesleyan University, 1972.

BISHOP, E. In the Middle of the Road. *In: BISHOP, E. BRASIL, E. (Org.) An anthology of twentieth-century Brazilian poetry*. Middletown : Wesleyan University, 1972.

EVEN-ZOHAR, I. 1979. Polysystem theory. *Poetics Today* 1, Durham. p. 287–310, 1979

FOWLER, F.; FOWLER, H. *The king's English*. Londres: Oxford University, 1908.

GOLDSTEIN, N. *Versos, sons, ritmos*. Porto Alegre: Ática, 2007.

LARANJEIRA, M. *Poética da tradução: do sentido à significância*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.

MARTINS, M. A. P. As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a teoria da tradução. *Cadernos de Letras*, Rio de Janeiro, n.27, p. 59-72, 2010.

MITTMANN, S. *Notas do tradutor e processo tradutório: análise sob o ponto de vista discursivo*. 1. ed, p.11-107, 2003.

NIST, J. “In the Middle of the Road”. *In: COLCHIE, T.; STRAND, M. (Org.). travelling in*

the family: selected poems. Los Angeles: Random House, 1986.

OXFORD DICTIONARIES. *English oxford living dictionaries*. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/>> Acesso em: 05 de nov. 2018.

SHERMAN, L. A. *Analytics of literature*: a manual for the objective study of English Prose and Poetry. Boston: Ginn, 1893.

TURCO, L. P. *The Book of forms*: a handbook of poetics including odd and invented forms. Lebanon: New England, 2012, p. 18-54.

VENUTI, L. *The translator's invisibility*: a history of translation. Londres: Routledge, 2008. p. 1-35.

WILLIAMS, F. G. *Poets of Brazil*: a bilingual selection. Nova Iorque: Luso-Brazilian Books, 2004.